

4.2

Elementos da trajetória de
Nelson Mutzie como liderança
pertencente ao povo Rikbaktsa

Larissa Cykman de Paula

RESUMEN

En este artículo presento los elementos de la trayectoria de Nelson Mutzie, reconocido líder del pueblo Rikbaktsa. La etnia, que habita la región suroeste de la Amazonia, tiene tres Tierras Indígenas demarcadas en el estado de Mato Grosso: Erikpatsa, Japuira y Escondido. Las consideraciones aquí abordadas forman parte de la investigación etnográfica realizada, la cual, a lo largo de su implementación, abarcó un período de tiempo que pasa por el estallido y consecuencias de la pandemia de Covid-19. Abarcando su labor profesional en salud indígena y también su pertenencia étnica, destaco aspectos de las experiencias de Nelson vinculados a problemáticas vividas actualmente por el pueblo Rikbaktsa, así como la relación con experiencias de un pasado marcado por luchas y agencias características del ethos guerrero Rikbaktsa. Finalmente, se narran otros acontecimientos, previamente imprevistos, a partir de la trágica muerte de Nelson a consecuencia de la enfermedad contra la que luchó en la primera línea.

PALABRAS CLAVE

Rikbaktsa
Líderes indígenas
Salud
Etnicidad

RESUMO

Apresento neste trabalho os elementos da trajetória de Nelson Mutzie, reconhecida liderança do povo Rikbaktsa. A etnia, habitante da região sudoeste da Amazônia, possui três Terras Indígenas demarcadas no estado do Mato Grosso: Erikpatsa, Japuira e Escondido. As considerações ora abordadas integram a pesquisa etnográfica realizada, a qual, ao longo da sua concretização, abrangeu um recorte temporal que perpassa a irrupção e os desdobramentos da pandemia de Covid-19. Abrangendo sua atuação profissional na saúde indígena e também o seu pertencimento étnico, destaco aspectos das experiências de Nelson vinculados a questões contemporaneamente vivenciadas pelos Rikbaktsa, assim como da relação com experiências de um passado marcado por lutas e agências características ao ethos guerreiro Rikbaktsa. Por fim, desdobramentos outros, outrora imprevistos, são narrados a partir do trágico falecimento de Nelson em decorrência da doença contra a qual lutava na linha de frente.

PALAVRAS-CHAVE

Rikbaktsa
Lideranças indígenas
Saúde
Etnicidade

ABSTRACT

In this paper I present the elements of the trajectory of Nelson Mutzie, recognized leader of the Rikbaktsa people. The ethnic group, which inhabits the southwestern region of the Amazon, has three Indigenous Lands demarcated in the state of Mato Grosso: Erikpatsa, Japuira and Escondido. The considerations addressed here are part of an ethnographic research, which, throughout its implementation, covered a period that spans the outbreak and consequences of the Covid-19 pandemic. Covering his professional work in indigenous health and also his ethnic belonging, I highlight aspects of Nelson's experiences linked to issues currently experienced by the Rikbaktsa, as well as the relationship with experiences from a past marked by struggles and agencies that are characteristic of the Rikbaktsa's warrior ethos. Finally, other developments, previously unforeseen, are narrated based on Nelson's tragic death as a result of the disease he fought on the front line.

KEY WORDS

Rikbaktsa
Indigenous leaders
Health
Ethnicity

introdução

Ao longo deste trabalho abordarei a trajetória de Nelson Mutzie como liderança indígena Rikbaktsa na região sudoeste da Amazônia. Habitantes dessa região, especificamente ao noroeste do estado do Mato Grosso e às margens dos rios Juruena, Arinos e do Sangue, o povo Rikbaktsa possui três Terras Indígenas (TIs) homologadas. As TIs Erikpatsa, Japuira e Escondido localizam-se, respectivamente, nos municípios de Brasnorte, Juara e Cotriguaçu. A territorialidade Rikbaktsa¹ vai para além dos limites demarcados pelas TIs, contudo, atualmente, as TIs configuram-se como o principal espaço habitado. Apesar de ser possível pensar em diversas especificidades, de modo geral, as TIs possuem grande preservação agroflorestal, sendo sua sustentabilidade imprescindível para o desenvolvimento econômico e social do povo Rikbaktsa. Como povo amazônico, seu modo de viver está intimamente conectado com seu meio envolvente, bem como sua organização social só pode ser

¹ Para uma análise de elementos acerca da territorialidade (ou territorialidades, no plural) Rikbaktsa, conceitos como o de processos de territorialização (Pacheco, 1998) e a proposta de uma antropologia da territorialidade (Little, 2004), assim como uma relação com o conceito de territorialidade em si a partir da análise geográfica (Sack, 2011) são enfatizados. Com o auxílio desses conceitos e questões teóricas, proponho analisar como as três Terras Indígenas Rikbaktsa correspondem ao atual território demarcado, contudo, ponderando que o território imemorial, histórico e tradicional corresponde a uma extensão infinitamente mais ampla, a qual abrangia a bacia do rio Juruena na sua totalidade.

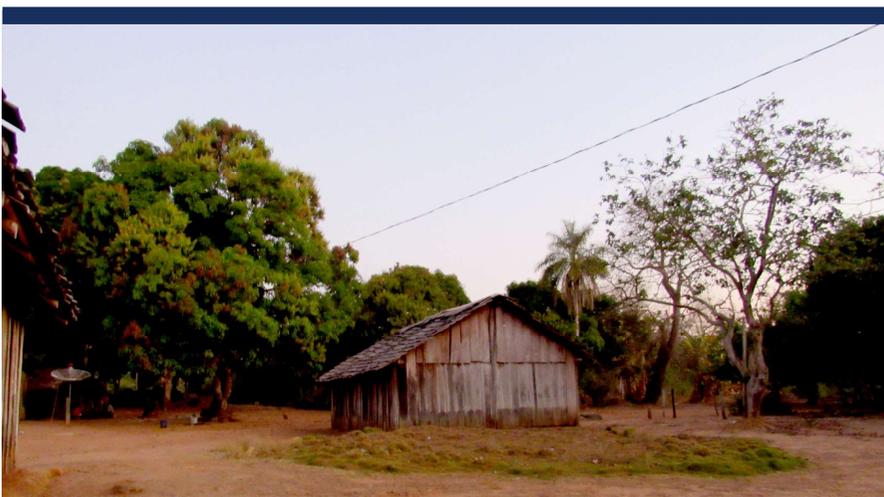
compreendida nessa esfera. A língua Rikbaktsa é pertencente ao tronco Macro-Jê, contudo, compreende-se que os Rikbaktsa habitam uma região tipicamente Tupi, fato que, ao longo do tempo e em diversos estudos, causou confusões a título de definições. Num passado, pequenos grupos Rikbaktsa viviam dispersos pelo território. Posteriormente, foram aglutinados – termo usado por Pacini (1999) – na atual TI Erikpatsa através da atuação direta dos jesuítas no processo então nomeado como “pacificação”, e na sequência expandiram-se para as TIs Japuira e Escondido quando da conquista desses territórios. Um tom de jocosidade é constante nas diferentes ações e relações, bem como o afeto e a preocupação para com todos. Desde os primeiros vínculos e contatos que estabeleci em campo, a alegria, as risadas e as brincadeiras eram frequentes. Todavia, ênfase que esse comportamento se justapõe à postura firme e séria adotada quando assim entendido necessário, como quando da defesa de seus direitos, remetendo ao ethos guerreiro Rikbaktsa (Pires, 2012 [2009]). Mas, apesar de esses dados serem os dados gerais num primeiro momento

apontados sobre os Rikbaktsa², neste trabalho não intento aborda-los como uma totalidade. Na direção contrária, priorizo elencar as relações existentes, partindo da compreensão de que o conhecimento sempre é situado e parcial, dialogando com as contribuições de Haraway (1995). Nessa direção, descreverei, a seguir, elementos da trajetória de Nelson na posição de importante liderança Rikbaktsa, partindo da nossa relação e das nossas trocas. Desse modo, além da significância de ressaltar seu pertencimento étnico, é preciso ressaltar os aspectos vivenciados por Nelson e também suas conexões com o seu entorno.

² Esses dados gerais a respeito dos Rikbaktsa são apresentados a partir de dados de campo e também a partir de um diálogo com pesquisas anteriores que privilegiaram em suas temáticas diferentes aspectos do povo, como Schultz (1964), Arruda (2019 [1992], 2003), Pacini (1999), Athila (2006, 2008, 2019), Pires (2012 [2009]) e Reis e França (2012).



Este trabalho origina-se integrado à pesquisa etnográfica desenvolvida entre os anos de 2019 e 2023 no âmbito do doutoramento em Antropologia Social, realizado no PPGAS/UFRGS¹. Ao privilegiar os encontros e as trocas pesquisando juntamente aos Rikbaktsa, este estudo se originou e se fortaleceu a partir desses encontros, sendo Nelson um interlocutor central. Desse modo, possibilidades de pesquisas e parcerias, tanto com a finalidade de dar origem a pesquisas acadêmicas como também pensando em projetos que Nelson encabeçava buscando visibilizar aspectos relacionados à garantia de direitos – como acesso à saúde e proteção do território Rikbaktsa, bem como ensejar o andamento de projetos econômicos sustentáveis – eram o mote de nossa relação e trocas constantes.



Aldeia Pé-de-Mutum – Terra Indígena Japuíra – 2019
Fonte — Acervo da pesquisadora

A PESQUISA ETNOGRÁFICA E SUAS POTENCIALIDADES

Com a intensão de valorizar o diálogo, a importância das relações, do respeito ao que os interlocutores falam e como falam, é essencial, assim como colocado por Jimeno, Varela e Castillo (2011), atentarmos para o fato de que o fazer etnográfico – e mesmo a colaboração – ocorrem cruzando as relações de poder existentes, constituindo-se uma luta política, bem como os modos como a política perpassa a produção de conhecimentos. Ou seja, a realização de uma pesquisa em colaboração vai para além dos limites impostos pela própria pesquisa acadêmica, afinal, ela precisa abranger os interesses e as ações dos interlocutores. Nessa direção, a indagação que Jardim faz no escopo de sua pesquisa acaba tornando-se uma indagação central para analisarmos também as possibilidades da presente pesquisa: “Como definir um trabalho de campo em que o ofício de antropólogo se desenvolve como um lugar de aprendizado e se submete às demandas de seu interlocutor?” (Jardim, 2017, p. 38).

No escopo de uma proposta colaborativa, essa apresentação do delineamento da pesquisa também privilegia outros estudos realizados em colaborações com lideranças e/ou pesquisadores/as indígenas. Nessa direção, a colaboração de Davi Kopenawa e Bruce Albert ao longo das últimas décadas e a publicação do livro “A queda do céu” (2015) em coautoria consiste em relevante marco para o fazer antropológico como um todo e uma inspiração para pensar nos caminhos possíveis para a presente investigação. A partir do alcance da escrita etnográfica, é possível pensarmos nas suas contribuições e nas suas relações com demais ações desempenhadas pelo/a pesquisador/a¹.

¹ Nesse mesmo sentido, podemos analisar como a colaboração a partir da produção de textos em co-autoria amplia-se no que concerne à etnografia e à etnologia. Um exemplo se refere à parceria entre Gilton Mendes dos Santos e João Paulo Lima Barreto (2019). O primeiro professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Amazonas e o segundo indígena Tukano mestre em Antropologia pela mesma universidade abordaram, em parceria, discussões acerca de uma antropologia simétrica e suas possibilidades. Outro exemplo de colaboração se refere à produção do indígena e pesquisador Joel Cuxi em coautoria com o professor Alexandre Herbetta (2016) para uma análise a respeito da estética da imagem Mehi. Outros muitos exemplos poderiam ser aprofundados, contudo, proponho, a partir dos ora citados, uma imersão nessa temática. Somada a isso, acentua-se a importância de fomentar a inclusão e participação de pesquisadores/as indígenas pertencentes a diversas etnias, o que passa a ser viável em proporções maiores desde a criação de políticas afirmativas para o ingresso específico de indígenas na graduação e pós-graduação brasileira.

Em meio ao contexto pandêmico vivenciado a partir de 2020, torna-se fundamental abordar como a pesquisa foi afetada pela pandemia de Covid-19. O ano de 2020 não foi um ano que permitiu seguir planos e vontades prévias. Desse modo, apesar de não ser um assunto proposto inicialmente nesses termos, revelar as situações impostas – principalmente em relação ao modo como a pandemia afetou os povos indígenas no contexto brasileiro e em específico os Rikbaktsa, bem como a atuação e falecimento de Nelson – é fundamental para refletirmos acerca das questões metodológicas envolvidas e no próprio percurso da pesquisa. No cenário geral, a pandemia é analisada em pesquisas contemporâneas como um fato social total (Grossi; Toniol; Lozano, 2020; Ribeiro, 2020; Nunes, 2020; Santos; Pontes; Coimbra JR., 2020). Desse modo, retornamos às contribuições de Mauss (2003), pontuando como distintos fatos são abrangidos por um fato social total, congregando a totalidade de uma organização social.

Com a pandemia e suas consequências, principalmente com o falecimento de Nelson no ano de 2020 enquanto lutava na linha de frente na saúde indígena, reflito sobre a importância de tudo o que estava ocorrendo, entendendo que a história de Nelson precisava ser contada e visibilizada, assim como o contexto que estava sendo vivenciado pelos povos indígenas em meio à pandemia.

Para tanto, como um ponto de partida possível, analisando qual o papel e as possíveis contribuições da antropologia nesse contexto pandêmico, é relevante ressaltarmos as possíveis abordagens teóricas e metodológicas que consigam dialogar com esse cenário. Como afirma Biehl (2021, p. 340), “(...) somos impelidos a repensar o nosso legado disciplinar, os nossos focos de investigação e o nosso papel público enquanto acadêmicos”. Dialogando com Veena Das (2020, p. 3), destaca-se a indagação que ela faz como antropóloga em meio a um desastre: “Há qualquer ação ou conhecimento útil que eu possa produzir?”. Nesse sentido, ao vivenciar uma pandemia de dimensões catastróficas, é preciso analisarmos aspectos de uma ordem global e também aspectos locais. Segundo Das, é preciso reorientar nossas pesquisas, dialogando com outras áreas do conhecimento e tornando nossos trabalhos acessíveis. Desse modo, a relevância da produção de conhecimentos localizados em relação à pandemia e seus desdobramentos é central.

Nesse ponto, ressalta-se o argumento de que desigualdades que já existiam previamente são acentuadas

neste contexto pandêmico causado pelo novo coronavírus. De acordo com Biehl (2021, p. 343): “A COVID-19 ilumina vulnerabilidades arraigadas em nossas sociedades”. Contudo, se por um lado o coronavírus suscitou visibilidade às desigualdades sociais, por outro lado, essas desigualdades não são observadas de maneira homogênea. Portanto, pontuo a importância de dialogarmos com as estratégias, ações e especificidades enfrentadas desde a América Latina, abrangendo os determinantes sociais em saúde e distintas políticas e práticas de saúde, bem como as contribuições desde uma análise às particularidades da saúde indígena (Garnelo; Langdon, 2005).

No caso brasileiro, Fernandes (2020, p. 12) destaca que “(...) o vírus infundiu visibilidade à desigualdade social e ao racismo em escala nunca antes vivenciada no país. A biopolítica se afirma assim produzindo populações sacrificáveis/matáveis”. Nesse caso, a relação entre vida e morte é objeto para o desdobramento de questões centrais.

As questões discorridas são pertinentes para uma análise do papel da antropologia no contexto pandêmico, mas também para situar a importância da pesquisa juntamente aos Rikbaktsa nesse cenário e para uma compreensão dos caminhos percorridos pela pesquisa. Diante desse contexto, proponho como questão aglutinadora, a partir de Biehl (2021), a indagação acerca de como conceber caminhos outros ao tempo em que buscamos recompor tanto a saúde pública como os campos político, científico e médico. Nesse sentido, para Biehl (2021, p. 348), o “horizontal” pode ser um caminho possível, uma vez que “pode nos ajudar a imaginar como desenvolver capacidades humanas e institucionais que transcendam a repetição da história oficial”. Assim sendo, o autor propõe que “é hora de escutar, contar e criar outras histórias” (2021, p. 348). Aderindo a essa proposta de Biehl, e com as questões apresentadas em prioridade, proponho narrar aspectos da trajetória de Nelson Mutzie.

OS PERCURSOS DE NELSON E SUA RELAÇÃO COM A SAÚDE INDÍGENA

Nelson Mutzie nasceu na aldeia Barranco Vermelho, TI Erikpatsa, em 05 de agosto de 1973. Como primeiro filho do casal Maria Elisa e Albano, ao longo dos anos subsequentes teve sua família ampliada com a chegada de irmãos e irmãs. Na sua infância, juntamente à sua família, residiu na TI Erikpatsa, com moradia preponderante nas aldeias Barranco Vermelho e da Primeira Cachoeira. Quando ainda era jovem, sua família se mudou da TI Erikpatsa para a TI Japuira, contudo, devido a algumas dificuldades que tinham na época, resolveram se mudar novamente e retornaram para a TI Erikpatsa, fundando então a aldeia União, até hoje moradia de parte da sua família.

Na sua infância e adolescência viveu majoritariamente na aldeia, envolto nas atividades cotidianas de sempenhadas, vendo a atuação de sua mãe Maria Elisa na saúde em seu trabalho diário com toda a comunidade e, também, acompanhando seu pai, na condição de grande liderança, em distintas viagens e agendas. Nesse sentido, um ponto relevante se refere a como Nelson se tornou uma liderança com grande atuação. Nas suas palavras, Nelson iniciou sua “vida pública” espelhado no seu pai, Albano Mutzie, sobre o qual descreveu:

Foi uma grande liderança, um dos grandes, batalhador. Lutou, na verdade, pra demarcação tanto pra TI Japuira como da TI Escondido. Ele tinha muita influência, muito conhecimento, e as pessoas respeitavam ele. E o nosso próprio povo Rikbaktsa também. Então era ele que liderava, ia pra Brasília, ia pra Cuiabá (Registro da fala de Nelson Mutzie, Diário de campo, 2019, grifo meu).

A atuação de Albano é abordada por Nelson nos seus distintos aspectos. Apesar de ser uma grande e respeitada liderança, como filho, Nelson sabia que isso também significava a ausência do seu pai em alguns momentos cotidianos. Esse contexto era analisado e resignificado por ele da seguinte maneira: “Eu fui vendo aquilo lá. Muitas vezes ele deixava até a gente de lado. Mas eu compreendia que aquilo lá era importante” (Diário de campo, 2019).

Seguindo o exemplo de seu pai, Nelson narra a respeito da primeira vez em que falou em público:

Em 93 houve uma reunião sobre saúde indígena na aldeia Primavera. Foi a primeira vez que eu falei em público. Eu li uma mensagem sobre Rios, Mata. E aí começava uma grande discussão de saúde indígena no país. Naquele tempo a saúde indígena era de responsabilidade da FUNAI. E começava a se discutir então o modelo de assistência de saúde indígena. Particpei de mais de duas reuniões fora [da TI] (Registro da fala de Nelson Mutzie, Diário de campo, 2019, grifo meu).

Iniciada sua “vida pública”, Nelson narra que, em 1999, foi decretada a criação dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs) no país, a partir da qual a saúde indígena sai do âmbito da FUNAI e passa, na época, para a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). Sobre isso, ele conta:

Quando foi novembro de 99, sai esses decretos. Em dezembro fui convidado pra participar de uma reunião das conveniadas, que aí já tinha convênio circulando pra contratação de enfermeiros, médicos, técnicos em enfermagem, odontólogos e agentes de saúde. Eu participei da seleção, participei da criação dos Conselhos de saúde. Em 2001 fui convidado pra trabalhar já na SESAI. Eu vinha fazendo um trabalho desde 2000 pra criação dos Conselhos Locais, Distritais, e logo em seguida fui convidado pra trabalhar. Estou até hoje (Registro da fala de Nelson Mutzie, Diário de campo, 2019).

A trajetória de Nelson se mistura à própria trajetória da saúde indígena. Em 1993, quando ele iniciava sua participação nesse debate, a saúde indígena era escopo da FUNASA (o que ocorrera desde 1991, sendo anteriormente pertencente à FUNAI). Nelson acompanhou e participou das alterações que ocorreram ao longo dos anos subsequentes, com o retorno à FUNAI, em 1994, e com uma nova alteração para a FUNASA, em 1999 – desta vez com a criação do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, integrante do Sistema Único de Saúde (SUS). A implantação do Subsistema ocorreu através dos DSEIs, nesse primeiro momento vinculados à FUNASA. Contudo, por dificuldades operacionais para a efetivação da Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas, o cenário foi marcado por manifestações – indígenas, da sociedade civil e de órgãos de justiça e controle – que exigiam alterações no Subsistema (Ferreira; Portillo; Nascimento, 2013). Naquele contexto, a saúde

indígena fora transferida da FUNASA para o Ministério da Saúde, sendo criada a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) em 2010.

Em relação ao convite recebido para atuar na saúde indígena em 2001, Nelson conta:

Como eu já tinha trabalhado, já tinha conhecimento de Conselho, como que poderia se organizar politicamente, ou até a participação nossa como povo indígena nesses fóruns, pela discussão, pelo discurso que eu fiz, o pessoal da conveniada e do DISEI, que também conhecia nós, convidou pra fazer parte dos Conselhos. Estruturar os Conselhos, capacitar, organizar os quatro Conselhos Locais (Aripuanã, Juína, Cacoal e Vilhena) e o Conselho Distrital. E aí eu aceitei prontamente. E logo em seguida eu fui disputar o cargo de presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena [CONDISI], que é a cada dois anos, e depois faz nova eleição e renova. Aí tem mais dois anos de mandato, completando quatro. Aí eu ganhei as duas vezes. Era o primeiro indígena que estava assumindo na época. Eu sempre tive essa postura de defender a comunidade indígena, independente da população. Eu não olhava só pros Rikbaktsa. Então naquele momento eu estava assumindo uma responsabilidade de representar os povos indígenas que compunham o DISEI Vilhena, que são 16 povos. Não foi muito fácil, porque eu estava entrando. Porque na verdade é um jogo de interesses profissionais, administrativos. E eu sempre enquanto indígena, e enquanto pessoa também, eu meio que impus isso dentro do DISEI. Fiz com que eles me respeitassem, me admirassem. E aí eu olhava os dois lados. Tanto o lado profissional, dos profissionais que trabalhavam naquele momento, e dos indígenas. (...) E aí eu fui ao longo desse trabalho, fui sendo reconhecido, respeitado pelos profissionais e eu também fui lutando por eles. (...) Eu ajudava, eu fazia alguns pareceres técnicos pra pagamento, baseado na lei e até mesmo com os próprios procuradores do município. E aí eu conseguia resolver todos os problemas, de pagamento, de contrato. E eu fui com isso ganhado respeito de todos os profissionais (Registro da fala de Nelson Mutzie, Diário de campo, 2019, grifo meu).

Ressalto a afirmação feita por Nelson a respeito de ser o único indígena em tal posição na época. Em seu relato, são evidentes os desafios enfrentados e o respeito adquirido ao longo do tempo, tanto pelos profissionais que atuam na área da saúde indígena como pelos

indígenas de outras etnias e também pelos Rikbaktsa. De acordo com o depoente, com o passar do tempo ele começou a se estabilizar:

Em todos esses problemas, como falei, já resolvia. E os profissionais começaram a respeitar mais, nos polos base. Então eu sei, eu fui morar em Cacoal, por conta do trabalho mesmo. Fiquei 13 anos lá. E aí eu viajava pelos quatro polos. Resolvia os conflitos. Eles já deixaram eu retido no polo, junto com eles, pra resolver uma demanda. Não teve nenhuma demanda que eu não resolvia. Eu sempre resolvia, às vezes eu ficava três dias lá pra resolver as questões administrativas. Então, nisso eu fui ganhando confiança deles, de todos (Registro da fala de Nelson Mutzie, Diário de campo, 2019).

Nelson saiu da aldeia União quando tinha 18 anos. Foi ao longo da sua trajetória, residindo e atuando em diversas cidades no noroeste do Mato Grosso e também no sudeste de Rondônia (uma vez que esta é a abrangência do DSEI Vilhena), além das incontáveis viagens, principalmente à Cuiabá e à Brasília, que ele adquiriu a posição de mediador de conflitos. Como presidente do CONDISI, sabia que não representava somente os Rikbaktsa, mas também os 16 povos pertencentes ao DSEI Vilhena:

Eu estava representando todos os indígenas. Então, eu tentava resolver cada um com os seus problemas. Cada polo tinha seus problemas. E eu lidava com cada comunidade de uma forma diferente. Conheci todas as aldeias de todos os povos. Não deixei de conhecer, de saber a realidade deles, de ouvir eles. Muitas vezes eles me mandavam ficar quieto. Diziam que eu estava sendo comprado pelos brancos, que eu estava sendo cooptado pela saúde indígena. Ouvi muito isso. Mas eu sempre tive minha postura e sempre falava pra eles, que eu tenho minha consciência limpa. Sou assalariado, trabalho pela saúde indígena, luto pra manter isso aqui. Porque isso aqui é fruto de uma luta nossa. Então, eu sempre defendia, independente da saúde indígena na FUNASA. Eu ia pra Brasília todos os meses. Eu discutia com a parte técnica da SESAI, na época FUNASA. Então, eu participava em reuniões administrativas com o chefe do Distrito nesse período. Então, a chefe do DISEI e o coordenador geral da FUNASA tinham muito respeito por mim. Então o que eu dizia, o que eu falava, caminha por aqui, eles me ouviam bastante. (...) às vezes causava

discórdia de um lado, de outro, mas sempre tive minha postura de representante indígena (Registro da fala de Nelson Mutzie, Diário de campo, 2019).

O respeito adquirido ao longo dos anos na sua atuação profissional é analisado por Nelson a partir das suas ações. Isso não significa a ausência de conflitos, mas, sim, uma postura profissional e pessoal adotada por ele no seu cotidiano. Em 2019, Nelson atuava na assessoria da coordenadora, residindo desde 2017 em Juína. Seu cargo era de Assessor de gabinete do DISEI. Contudo, continuava respondendo, muitas vezes, por questões administrativas, dentro do polo base mesmo ou ainda em outros polos. Por fim, ao analisar sua atuação na saúde indígena, Nelson coloca:

Então ao longo do tempo também resolvia os problemas de Juína, tanto é que na saúde indígena muitas coisas param em mim, pra resolver. Eu tento resolver da melhor forma possível. Isso foi bom pra minha experiência pessoal, profissional, eu acredito que eu estabiltizei dentro da SESAI. Fiz a minha carreira tanto profissional e administrativa como liderança indígena dentro (Registro da fala de Nelson Mutzie, Diário de campo, 2019, grifo meu).

Nelson permaneceu na assessoria e, com o início da pandemia em março de 2020, causada pelo novo coronavírus, atuou na linha de frente no combate ao Covid-19. Sua atuação foi exaustiva e incessante a partir de diferentes abordagens. Uma vez que estava em uma posição dianteira, ao longo da sua atuação acabou sendo exposto ao vírus e contraindo a doença. Após dias de luta, não resistiu e acabou falecendo no dia 23 de julho de 2020.

A partir das ponderações realizadas por Nelson e ora enfatizadas, é possível analisarmos duas questões fundamentais. A primeira delas se refere à postura assertiva dessa liderança. Para alguns, sua postura pode ser lida como sinônimo de agressividade ou imposição. Contudo, outra percepção possível da sua postura assertiva se dá no sentido de que ela é fruto de muito conhecimento e de preparo técnico. O conhecimento e a fala potente, vinculada inclusive ao ethos guerreiro Rikbaktsa, se mescla à sua ternura e à sua risada fácil. É através dessa mescla que desponta a atuação do líder indígena aqui enfocado.

Uma segunda ponderação se refere às especificidades vivenciadas por Nelson na situação de único profissional indígena em seu meio de atuação direta. Inspirado

pela trajetória de seu pai, ele trilhou caminhos que já tinham sido percorridos por Albano, ocupando e buscando espaço no mundo dos outros. Por mais que estivesse atuando na saúde indígena e na ponta o acesso fim fosse por parte das etnias abrangidas, sua atuação direta, muitas vezes, era somente com não indígenas. Além dos conflitos e diálogos, há uma relevante ocupação de

espaços públicos. Dito de outro modo, a autonomia indígena também perpassa essa atuação dentro dos mecanismos governamentais. É um conhecimento adquirido, possibilitando que conhecimentos ocidentais sejam usados para seu próprio usufruto e não como tutela imposta aos povos indígenas.



1º Encontro Nacional de Trabalhadores da Saúde Indígena – Setembro de 2014
Fonte — Acervo da pesquisadora



Fala de Nelson Mutzie Rikbaktsa (ao centro) no 1º encontro nacional de trabalhadores da saúde indígena – Setembro de 2014
Fonte — Acervo da pesquisadora

OS PERCURSOS DE NELSON E SUA RELAÇÃO COM O POVO RIKBAKTSA

Dando continuidade à proposta de elencar elementos da trajetória de Nelson, adentrarei aspectos referentes à sua atuação como liderança indígena do povo Rikbaktsa. Ao sair com 18 anos da aldeia União, Nelson fez uma escolha que incide em alguns desdobramentos. Até essa idade, suas vivências se mesclavam às atividades cotidianas na aldeia. Com sua saída, Nelson se dedicou de maneira integral à saúde indígena. Afinal, essa foi a sua escolha profissional, a qual também perpassava seus afetos e motivações pessoais. Em suas palavras: “Naquele momento eu precisava tomar uma decisão, e eu tomei” (Diário de campo, 2019). Sua atuação era pautada, então, na defesa dos direitos dos povos indígenas como um todo. Desse modo, seu cotidiano fora bruscamente alterado, com a mobilidade constante principalmente entre as cidades do noroeste do Mato Grosso, do sudeste de Rondônia, Cuiabá e Brasília.

Como já mencionado, por razões vinculadas ao trabalho que vinha desenvolvendo, Nelson morou no município de Cacoal, no estado de Rondônia, durante treze anos. Posteriormente, ainda vinculado à SESAI, por volta de 2017, passou a residir na cidade de Juína. Quando começou a residir em Juína, ele tinha outros objetivos em mente, principalmente pensando no seu povo Rikbaktsa:

Então, aí começa outra linha de discussão, quando retorno de Cacoal pra Juína. Aí já com outros projetos, que é de ajudar o meu pessoal a ter, pensar em uma outra linha de trabalho. Vendo todas essas mudanças que estão tendo. Eu me preocupei com isso. Quando retornei, há dois anos atrás, foi pensando nessa perspectiva, de conseguir algum projeto pra eles, para que eles mesmo trabalhem. De deixar de dizer “não, o índio é preguiçoso, o índio não faz”... Então eu voltei em um momento muito importante (Registro da fala de Nelson Mutzie, Diário de campo, 2019).

A fala de Nelson pontua sua preocupação, por um lado, com os preconceitos e também com a negação de direitos dos povos indígenas. Por outro lado, pondera sobre a necessária autonomia de seu povo, buscando as bases necessárias para tanto. Sobre sua volta para Juína, Nelson pontua como foi um retorno, de certo modo, para

mais próximo do cotidiano da vida Rikbaktsa. De carro, a distância de Juína para algumas aldeias localizadas na TI Erikpatsa é percorrida em menos de duas horas.

Em relação à sua afirmação de que sua volta se deu em um momento importante, Nelson analisa, em relação ao povo Rikbaktsa, que “eles estavam já desacreditando um no outro. Eles estavam já levando uma política totalmente diferente do que aquilo que eu imaginava que era. (...) O meu povo é muito acolhedor, em tudo. Então assim, eu vi que não era o caminho que estava seguindo” (Diário de campo, 2019). Sua fala marca uma característica central do povo Rikbaktsa: o modo como ele é acolhedor. Contudo, alinhado e, ao mesmo tempo, desalinhado a essa característica, o caminho que estava sendo traçado algumas vezes se distanciava de sua expectativa, a qual se encontrava atrelada à criação e execução de projetos autônomos e “sustentáveis”.

Esse descompasso é pautado por Nelson e explicitado através das suas ações, ressaltando inclusive alguns diálogos e conflitos internos:

Então quando eu retornei, eu comecei a sentar com eles, se reunir com os caciques. Foi o maior quebra pau com eles, tentando mostrar o caminho. Eles diziam: “Não, você está chegando agora”. Eu falei: “Não, eu nunca saí daqui, muito pelo contrário, eu sempre estive aqui. Eu apenas estava executando um trabalho num órgão público. Eu continuei num órgão público, mas eu sempre tive o olhar pra vocês. Se eu não tivesse olhar pra vocês, vocês não tinham caixa d’água, vocês não tinham poço” (Registro da fala de Nelson Mutzie, Diário de campo, 2019).

Dessa forma, Nelson dialogava com o seu povo mostrando todas as ações com as quais se envolveu na saúde indígena. O exemplo que deu a respeito do fato da garantia do poço e das caixas d’água nas aldeias se refere a uma decisão que o líder precisou tomar devido ao contexto exposto pelo próprio povo. Segundo explicitado pelos Rikbaktsa, o rio Juruena, em alguns pontos, estava contaminado, não sendo a água potável para consumo. Desse modo, foram realizadas análises da água, cujos resultados revelaram índices de contaminação muito elevados. Nessa conjuntura, a decisão de Nelson foi por dar prioridade à construção dos poços e caixas d’água em detrimento da construção de outras infraestruturas

que já estavam previstas, tais como postos de saúde e lavanderias².

Essas decisões tomadas por Nelson mostram o seu empenho e preocupação com o povo Rikbaktsa, bem como sua proatividade para que de fato as ações executadas fossem de acordo com as necessidades prioritárias. Nesse sentido, em diálogo sobre essas questões, o líder indígena enfatiza algumas de suas falas direcionadas aos Rikbaktsa:

Então eu nunca abandonei vocês, porque se eu abandonasse, não teria posto de saúde em muitas aldeias. Eu estava lá em Cacoal sentando com a equipe técnica, eu estava em Brasília buscando recurso, eu estava em Brasília apresentando projeto, eu estava em Brasília discutindo a meta e a qualidade do serviço que a gente sempre testa. Então, é isso (Registro da fala de Nelson Mutzie, Diário de campo, 2019).

O trecho destacado acima revela os percursos necessários para que de fato a saúde, como um direito, chegue à sua destinação. Esse é um percurso longo e cansativo, exigindo reuniões, a formulação de projetos, a garantia de recursos, além das viagens constantes e da preocupação com a qualidade de cada serviço. Outro ponto se refere ao fato de Nelson procurar saber e lutar por aquilo que era reivindicação e necessidade de seu povo, bem como dos demais povos com os quais trabalhava. Podemos pensar se ocorreria da mesma maneira se fosse um não indígena no seu lugar, ou pelo menos acerca de quais seriam as diferenças.

Nesse âmbito, podemos problematizar o significado de “estar longe”, considerando que a distância física do território indígena Rikbaktsa não significava que esse agente não estivesse, no seu dia a dia, pensando e trabalhando por seu povo. Por consequência, aos poucos, Nelson foi demonstrando a eles todas as suas ações, bem como qual estava sendo, nos últimos anos, o lugar que ocupava. Desse modo, Nelson foi também compreendendo qual o seu lugar junto ao seu povo e percebendo que, apesar de debates acalorados, possuía a confiança dos Rikbaktsa. Nas suas palavras:

E nisso tudo o meu povo Rikbaktsa foi aprendendo ao longo desse tempo a me respeitar, me considerar, me ver de uma outra forma diferente. Aí já como liderança, como responsável. Não era mais aquele menino que saiu dali e que não ia resolver (Registro da fala de Nelson Mutzie, Diário de Campo, 2019).

Desde que Nelson se mudou para Juína, seu cotidiano passou a abranger outras atividades e relações. Sintetizando o que representou sua ida para Juína, ele assim relata:

Com essa minha vinda pra Juína, eu acho que eu tive mais tempo pra retomar uma discussão, uni um pouco mais o meu povo de volta. Eu compreendi muito isso. Do respeito que têm por mim, e que confiam no que eu estou fazendo, de buscar isso pra eles, que eu acho que é isso mesmo, a população está crescendo. Então eu senti isso. Isso é um pouco da minha trajetória política (Registro da fala de Nelson Mutzie, Diário de campo, 2019).

Juína, inclusive como espaço onde, em outros tempos, havia uma aldeia Rikbaktsa, é município de circulação e grande importância para os Rikbaktsa, principalmente para o acesso à saúde, educação e demais políticas públicas. Nesse sentido, quando estava em Juína, Nelson estava sempre envolvido em atividades, reuniões e festas que juntavam parentes, amigos e colegas profissionais. Além disso, a casa de Nelson era um local central para reuniões.

Nelson morava em Juína, mas constantemente se deslocava para as aldeias a trabalhar. Quando estava em alguma aldeia do povo Rikbaktsa, se dividia entre a atenção aos profissionais da saúde e conversas com seus parentes. Quando estava de férias ou de folga, principalmente nos finais de semana, visitava com frequência sua família na aldeia União, bem como participava de atividades, reuniões e festas em outras aldeias de seu povo. Residindo em Juína, Nelson atuava como liderança principalmente em questões externas às TIs.

Na relação com as demais lideranças, Nelson estava sempre aberto ao diálogo. Uma característica observada em distintos momentos quando estive em campo se refere à busca desse líder pelo consenso com o povo³. Isso

² Lavanderia é a palavra que designa a estrutura composta pelo banheiro com vaso sanitário, chuveiro e pia, com a infraestrutura necessária para seu funcionamento, como encanamento, caixa d’água e fossa sanitária. Todos ficam na mesma estrutura, mas cada um com entrada e porta separada.

³ A busca pelo consenso é característica central para a compreensão da organização política, econômica e social do povo Rikbaktsa, inclusive já elencada por pesquisadores/as diversos (Arruda, 2019; Pires, 2012; Pacini, 1999; Athila, 2006).



Nelson Mutzie Rikbaktsa – Terra Indígena Japuíra – Agosto de 2019
Fonte — Acervo da pesquisadora

não significa que havia ausência de conflitos, mas, sim, a ocorrência de longas reuniões e conversas expondo distintas opiniões, em português ou em Rikbaktsa, até que uma decisão conjunta fosse tomada. Era a partir desse modelo que distintas mobilizações eram adotadas. Nesses momentos, Nelson se apresentava como um importante orador, expressando os posicionamentos de seu povo em distintas ocasiões e oportunidades.

Algo sempre marcado na fala dessa liderança indígena se refere à sua motivação em defesa dos direitos dos povos indígenas como um todo. Sua atuação ocorria a partir da defesa da saúde indígena, mas não se esgotava

nesse quesito. Desse modo, sua trajetória política, assim por ele denominada, abrange questões mais amplas. De modo geral, Nelson sempre estava alerta e à disposição para atuar nas demandas que fossem surgindo – fossem elas dos povos indígenas como um todo, fossem especificamente do seu povo. Como exposto por ele, ao longo de sua trajetória, sempre teve clara sua “postura de representante indígena”: “Eu sempre mantive minha postura pessoal em defesa da saúde indígena, em defesa dos indígenas, muito firme”. Foi desse modo que as experiências pessoais e profissionais desse protagonista foram se solidificando: “Eu estabilizei dentro da SESAI.

Fiz a minha carreira tanto profissional e administrativa como liderança indígena dentro [da SESAI]” (Diário de campo, 2019).

À vista disso, é possível analisar como Nelson Mutzie foi uma grande liderança indígena. Ele próprio tinha conhecimento disso, bem como as demais pessoas com as quais dialogava. A partir da sua relação intrínseca com a SESAI, novos voos eram constantemente alçados. Nelson atuava concomitantemente em diversas frentes e ações, sempre atento ao necessário diálogo com a esfera pública, fosse através da atuação profissional propriamente dita na SESAI, fosse na mobilização para a garantia de

direitos, reivindicando que a atuação dos entes públicos ocorresse cumprindo suas obrigações e na implementação de políticas públicas. Logo, cabe ressaltar como a atuação nessa esfera demanda tanto o conhecimento dos mecanismos de funcionamento do governo e seus compartimentos como também a reflexão acerca de seus limites. Foi a partir dessa compreensão que a atuação de Nelson como liderança se fortaleceu, possibilitando a defesa dos distintos direitos dos povos indígenas, no caso específico, os direitos dos Rikbaktsa

considerações finais

Abordar a trajetória de Nelson significa pensar em questões que linearmente podem parecer desconectadas ou difusas, mas que, ao serem olhadas com maior profundidade e atenção, revelam conexões fortes e potentes. Desse modo, a saúde indígena e seu pertencimento étnico são fios condutores para uma análise das relações travadas em diferentes espaços ocupados por esse protagonista indígena, bem como os caminhos escolhidos enquanto se tornava uma reconhecida liderança.

Uma primeira consideração a ser destacada a partir das vivências de Nelson se refere ao modo como sua trajetória se mistura à própria trajetória de criação e consolidação da política nacional de atenção à saúde dos povos indígenas. Nesse sentido, evidenciar que Nelson foi o único indígena em posição de liderança no seu meio de atuação na saúde indígena, apesar de essa ser a política sanitária voltada aos povos originários, retrata as adversidades e as conquistas vivenciadas na contínua implementação de uma política pública. Acompanhar sua história é um modo de acompanhar a implementação da própria política de saúde indígena a partir de um viés que vai além da percepção dos indígenas somente como um público alvo sem atuação. Essa concepção irradia para uma compreensão a respeito da formulação de políticas públicas e da agência indígena na busca da garantia de seus direitos e modos de vida.

Nessa direção, uma segunda consideração aponta para o reconhecimento de que a história de Nelson é indissociável da história de seu povo. As vivências desse personagem são permeadas pelo contexto histórico vivenciado pelo povo Rikbaktsa – e da relação com quais seriam as outridades (Oliveira, 2022; Fabian, 2006) atribuídas ao povo em diferentes momentos e contextos. Essa afirmação se refere tanto aos elementos usualmente visibilizados quando se menciona a história do povo, a exemplo da época do contato, da missão jesuítica, da “pacificação” e da demarcação das suas Terras Indígenas (Arruda, 2019; Pacini, 1999). Mas também se refere a vivências outras, tais como a participação em ações políticas e construção de políticas públicas, a exemplo das articulações de lideranças em defesa de seus direitos ou mesmo, no caso de Nelson, a construção de uma política de saúde desde o seu interior. Ou seja, contar a história de Nelson significa visibilizar o modo como os povos originários atuaram em diferentes contextos, os quais são, muitas vezes, desconhecidos e distantes da “história oficial” (Oliveira, 2010).

Com o trágico falecimento de Nelson em decorrência dessa doença contra a qual lutava na linha de frente, uma terceira consideração assinala a necessidade de refletirmos a respeito das ações interrompidas, mas também de pensarmos nas ações continuadas ou mesmo iniciadas. Para tanto, é preciso compreendermos como, nessa conjuntura, os lutos vivenciados pelos Rikbaktsa se misturam às suas lutas. O luto⁴ passa a ser encarado juntamente à luta empreendida em distintas frentes, principalmente no tocante aos desdobramentos com o enfrentamento à pandemia. Nesse cenário, narrar a trajetória de Nelson é um modo de pensarmos nos lutos possíveis e também na importância da sua história ser conhecida e difundida.

Analiso como a justaposição entre lutos e lutas remete à vinculação entre resistências, existências e agências, num ir e vir que acaba sendo a base que possibilita a compreensão desses processos. Nesse sentido, pondero como essas resistências podem ser pensadas a partir de uma visibilidade imagética. No cenário observado, foi marcante a veiculação de registros fotográficos com a imagem de Nelson em distintos locais, produzidos pelos Rikbaktsa ou por outras pessoas. Essa veiculação compreende ênfases dessas distintas resistências que permeiam o cotidiano Rikbaktsa no contexto pandêmico.

Abordar os percursos de Nelson vislumbra os desdobramentos enfrentados com a pandemia, tanto para uma compreensão das especificidades vivenciadas pelos povos originários como a respeito do próprio contexto brasileiro, diverso e desigual, frente ao vírus. Ou seja, no e após o cenário pandêmico, é um dever narrar a história de Nelson, assim como o contexto vivenciado pelos povos indígenas em meio à pandemia.

Mesmo depois de findada a pandemia de Covid-19 como emergência global, de acordo com declaração da Organização Mundial da Saúde (OMS) ocorrida em maio de 2023, as repercussões causadas por esse evento são incertas e incalculáveis. Nesse cenário, parto do princípio de que visibilizar as lutas Rikbaktsa em uma pesquisa

etnográfica é um esforço significativo. Assim sendo, contar as histórias e dialogar juntamente aos Rikbaktsa é uma proposta em direção a pensarmos também nas suas lutas vindouras. Sabemos que o “fim” da pandemia e seus desdobramentos não são neutros ou amenos. Por isso, além de dar visibilidade às lutas atuais e históricas, é preciso criarmos espaços para analisar os devires (Biehl, 2011), de modo que as futuras lutas também sejam contadas, ou mesmo viabilizadas. Afinal, as lutas são construídas nos encontros, os quais permitem colaborações e também elaborações.

4 No caso de Nelson, as formas de vivenciar o luto acabaram ocorrendo conforme os limites impostos, o que se balizou a partir das atividades e etapas vivenciadas frente à pandemia. Inclusive, é possível pensar em distintos lutos experienciados, os quais variam conforme as pessoas envolvidas, sejam Rikbaktsa, indígenas de outras etnias, amigos/as, pesquisadores/as ou colegas de trabalho de Nelson. Num primeiro momento, algumas ações ocorreram de modo virtual, como no caso de notas de pesar veiculadas em mídias digitais. Entre os Rikbaktsa, principalmente a partir de familiares mais próximos de Nelson, a vivência do luto somou-se à luta para que o enterro dele ocorresse na aldeia União (TI Erikpatsa), resistindo e confrontando o regulamento geral que indicava que o corpo fosse enterrado em Cuiabá.

referências bibliográficas

ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. Os Rikbaktsa: mudança e tradição. São Paulo: Alexa Cultural (AM), EDUA, 2019 [1992].

ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. Rikbaktsa, os canoeiros do Rio Juruena. *Margem*, PUC-SP, São Paulo, n. 17, p. 99-102, 2003. Disponível em: <https://www.pucsp.br/margem/pdf/m17ra.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2020.

ATHILA, Adriana Romano. “Dentro da Casa dos Homens”: sobre topologias rituais e os dilemas de uma etnóloga em campo. *Caderno Espaço Feminino*, v. 20, n. 02, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/1020/1747>. Acesso em: 14 set. 2020.

ATHILA, Adriana Romano. A “Caixa de Pandora”: representação, diferença e tecnologias nativas de reprodução entre os Rikbaktsa (Macro-Jê) do Sudoeste Amazônico. *Revista de Antropologia*, v. 62, n. 3, p. 710-743, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/165225/158426>. Acesso em: 11 jul. 2021.

ATHILA, Adriana Romano. Arriscando corpos: permeabilidade, alteridade e as formas de socialidade entre os Rikbaktsa (Macro-Jê) do Sudoeste Amazônico. 2006. 501f. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BARRETO, João Paulo Lima; MENDES, Gilton. De peixes e homens: por uma outra antropologia. *Les Temps Modernes*, v. 5, p. 158-163, 2015.

BIEHL, João. Antropologia no campo da saúde global. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 257-296, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/twDHCzCdqq6dXRhV5BLxk5y/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 mar. 2021.

BIEHL, João. Descolonizando a saúde planetária. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 27, n. 59, p. 337-359, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/mYh65g7LyMWLJhfP9XvcTnn/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

CUXI, Joel; HERBETTA, Alexandre. A Imagética Mehi: reflexões iniciais sobre imagens Cupe e imagens Krahô. *Articulando e Construindo Saberes*, v. 1, n. 1,

2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/racs/article/view/42993>. Acesso em: 09 jul. 2021.

DAS, Veena. Encarando a Covid-19: Meu lugar sem esperança ou desespero. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social – Reflexões na Pandemia*, Rio de Janeiro, p. 1-8, 2020.

FABIAN, Johannes. The other revisited: Critical afterthoughts. *Anthropological Theory*, v. 6, n. 2, p. 139-152, 2006.

FERNANDES, Adriana. Coronel Vírus chegou. Notas etnográficas sobre a Covid-19 entre vulnerabilizados da cidade do Rio de Janeiro. *Sexualidade, Saúde e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 35, p. 7-34, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/6HKgvMKMBK7xfrjnx-pgNZyN/?lang=pt>. Acesso em: 17 nov. 2020.

FERREIRA, Luciana Benevides; PORTILLO, Jorge Alberto Córdón; NASCIMENTO, Wanderson Flor do. A Criação da Secretaria Especial de Saúde Indígena. *Tempus - Actas de Saúde Coletiva*, v. 7, n. 4, p. 83-95, 2013. Disponível em: <https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1419/1196>. Acesso em: 16 jul. 2020.

GARNELO, Luiza; LANGDON, Jean. A antropologia e a reformulação das práticas sanitárias na atenção básica à saúde. In: *Críticas e atuantes: ciências sociais e humanas em saúde na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, p. 133-156. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/w5p4j/pdf/minayo-9788575413920.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2020.

GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo; LOZANO, Marie-Anne Leal. Finalizando a primeira série do Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus: um balanço inicial. In: *GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo. (Orgs.). Cientistas sociais e o Coronavírus*. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020, p. 24-31. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/53201/2/claudiocovidquinze.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>. Acesso em: 10 set. 2019.

JARDIM, Denise Fagundes. Imigrantes ou refugiados: tecnologias de controle e as fronteiras. *Jundiá, Paco Editorial*, 2017.

JIMENO, Myriam; VARELA, Daniel; CASTILLO, Ángela. Experiencias de violencia: etnografía y recomposición social en Colombia. *Sociedade e Cultura*, v. 14, n. 2, p. 275-285, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/download/17604/10555/72736>. Acesso em: 02 mar. 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Cia. das Letras. 2015.

LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. In: *Anuário Antropológico/2002-2003*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 251-290, 2004. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6871/7327>. Acesso em: 02 mar. 2020.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac e Naify, p. 185-318, 2003.

NUNES, João Arriscado. A pandemia de COVID-19: securitização, crise neoliberal e a vulnerabilização global. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, p. 1-4, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/sng9pd8tLNdY3cQrD-ChhqPr/>. Acesso em: 08 fev. 2021.

OLIVEIRA, João Pacheco de. A luta pelo território como chave analítica para a reorganização da cultura. In: *A reconquista do território: Etnografias do protagonismo indígena contemporâneo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2022, p. 11-36. Disponível em: <http://jpoantropologia.com.br/wp-content/uploads/2022/09/AReconquistaDoTerritorio.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2023.

OLIVEIRA, João Pacheco de. O nascimento do Brasil: revisão de um paradigma historiográfico. *Anuário Antropológico [online]*, v.35, n.1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/7021/7259>. Acesso em: 24 mar. 2021.

PACINI, Aloir. Pacificar: relações interétnicas e territorialização dos Rikbaktsa. 1999. 238f. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <https://comin.org.br/wp-content/uploads/2019/08/relacoes-interetnicas-1282915485.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2019.

PIRES, Paula Wolthers de Lorena. Rikbaktsa: um estudo de parentesco e organização social. 2012. 170f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012 [2009]. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/RKLo0003.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2019.

REIS, Vanilda dos; FRANÇA, Cecília de Campos. Rikbaktsa: uma história sob duas perspectivas. In: Revista Moinhos, Tangará da Serra, v.1, n.1, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/moinhos/article/view/2407/1976>. Acesso em: 16 abr. 2019.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Medo global. In: GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo. (Orgs.). Cientistas sociais e o Coronavírus. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 718 p, 2020, p. 101-105. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/53201/2/claudio-covidquinze.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021.

SACK, Robert David. O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela. (Orgs.) Territorialidades Humanas e Redes Sociais. Florianópolis: Insular, 2011, p. 63-89. Disponível em: <http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/bitstream/123456789/1364/3/O%20significado%20de%20territorialidade.%20Territorialidades%20humanas%20e%20redes%20sociais..pdf>. Acesso em: 12 abr. 2021.

SANTOS, Ricardo Ventura; PONTES, Ana Lucia; COIMBRA JR, Carlos EA. Um “fato social total”: COVID-19 e povos indígenas no Brasil. Cadernos de Saúde Pública, v. 36, p. 1-5, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/qxqxzwVDGCwT8pTtvCRf5fx/?lang=pt#>. Acesso em: 02 mar. 2021.

SCHULTZ, Harald. Informações etnográficas sobre os Erigpagtsá (Canoeiros) do Alto Juruena. In: Revista do Museu Paulista. São Paulo, Nova Série, v.15, p. 213-314, 1964.

